



**LIVRO VERMELHO DOS
MAMÍFEROS
DE PORTUGAL CONTINENTAL**

Para efeitos bibliográficos, este livro deve ser citado da seguinte forma:

Mathias ML (coord.), Fonseca C, Rodrigues L, Grilo C, Lopes-Fernandes M, Palmeirim JM, Santos-Reis M, Alves PC, Cabral JA, Ferreira M, Mira A, Eira C, Negrões N, Paupério J, Pita R, Rainho A, Rosalino LM, Tapisso JT & Vingada J (eds.) (2023). *Livro Vermelho dos Mamíferos de Portugal Continental*. FCiências.ID, ICNF, Lisboa.

A citação de cada capítulo deve seguir os termos da referência bibliográfica disponível no final do respectivo capítulo. A título de exemplo, esta citação deve obedecer ao seguinte formato base:

Santos-Reis M, Mira A & Lopes-Fernandes M (2023). *Mustela putorius* toirão. In Mathias ML (coord.), Fonseca C, Rodrigues L, Grilo C, Lopes-Fernandes M, Palmeirim JM, Santos-Reis M, Alves PC, Cabral JA, Ferreira M, Mira A, Eira C, Negrões N, Paupério J, Pita R, Rainho A, Rosalino LM, Tapisso JT & Vingada J (eds.): *Livro Vermelho dos Mamíferos de Portugal Continental*. FCiências.ID, ICNF, Lisboa.

Apoio financeiro, beneficiários e parceiros

Este projeto é co-financiado pelo PO SEUR (POSEUR-03-2215-FC-000097), Portugal 2020, União Europeia – Fundo de Coesão e pelo Fundo Ambiental.

Teve como beneficiário a FCiências.ID – Associação para a Investigação e Desenvolvimento de Ciências e como parceiro o ICNF – Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas.

A coordenação técnico-científica ficou a cargo do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Centro de Ecologia, Evolução e Alterações Ambientais (cE3c) da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa e do Instituto da Conservação da Natureza e Florestas (ICNF), e contou como parceiros de execução com a Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), Universidade de Aveiro (UA), Universidade de Évora (UE), ICETA – Instituto de Ciências, Tecnologias Agrárias e Agroambiente da Universidade do Porto (CIBIO-InBIO) e Mesocosmo – Consultoria, Tecnologia e Serviços Científicos, Unipessoal Lda.

Consulta e download da publicação em:

<https://livrovermelhodosmamiferos.pt>

Cofinanciado por:



UNIÃO EUROPEIA
Fundo de Coesão



Beneficiário:



Parceiro:



Entidades participantes:



Ciências
ULisboa

Faculdade
de Ciências
da Universidade
de Lisboa



universidade de aveiro
theoria poiesis praxis



UNIVERSIDADE
DE ÉVORA



UNIVERSIDADE
DE TRÁS-OS-MONTES
E ALTO DOURO

Apoios:



Sus scrofa (Linnaeus, 1758)

Javali

Taxonomia

Artiodactyla, Suidae

Ocorrência

Residente – Res

Categoria

POUCO PREOCUPANTE – LC

Fundamentação: A espécie tem uma ampla distribuição nacional. Não são conhecidos fatores que suportem, a curto prazo, a diminuição da extensão de ocorrência e também não se conhecem fatores de ameaça que contribuam para um declínio a curto-longo prazo.

238

Distribuição

Global: Distribuição natural euro-asiática e norte-africana. Em resultado de introduções, a espécie também ocorre na África subsariana, na América do Norte e Sul e na Austrália, estando assim presente em todos os continentes exceto na Antártida (Barrios-Garcia & Ballari 2012).

Portugal: Ampla distribuição.



Sus scrofa ©Carlos Fonseca

População e Tendência

População: Organiza-se socialmente em diversos tipos de grupo, sendo mais comuns, mais estáveis e mais numerosos, os grupos matriarcais, geralmente compostos por 1 ou 2 fêmeas, as crias e os juvenis do ano anterior (Fonseca & Correia 2008). Os machos adultos costumam ser solitários, exceto no outono (período do acasalamento) quando se associam às fêmeas (Maselli *et al.* 2014). Apresenta densidades muito variáveis, desde núcleos com densidades inferiores a 2 ind./100 ha até os que apresentam 6 e mais ind./100 ha, em algumas zonas de caça. A espécie encontra-se em expansão, podendo encontrar-se, inclusive, nalguns grandes centros urbanos.

Tendência: Expansão.

Habitat e Ecologia

Espécie predominantemente florestal encontra-se tanto em florestas temperadas de caducifólias como em florestas mediterrânicas de perenifólias, áreas que satisfaçam os seus requisitos ecológicos, nomeadamente zonas de alimento, zonas de refúgio e abrigo e zonas de água. A proximidade de áreas agrícolas com áreas florestais pode promover a procura de alimento nas culturas agrícolas (Ballari *et al.* 2014) provocando por vezes estragos nas colheitas com avultada expressão económica (Carpio *et al.* 2021). Como coberto de refúgio e de reprodução, tende a selecionar matos e galerias ripícolas bem conservadas (Santos *et al.* 2004, Laguna *et al.* 2021) em ambientes mediterrânicos. É uma espécie omnívora, adaptando o seu regime alimentar aos recursos disponíveis no território em que se encontra e que variam consoante a estação do ano. Embora o ritmo circadiano possa ser influenciado por múltiplos fatores, em ecossistemas mediterrânicos mostra-se ativo predominantemente de noite (Camarinha 2020).

Fatores de Ameaça

As principais ameaças são a captura ilegal e a sobre-exploração cinegética em consequência da falta de planos de gestão adequados, designadamente de Planos Globais de Gestão e a pressão de cães assilvestrados sobre crias. Entre as doenças

que presentemente afetam esta espécie destaca-se, pela sua prevalência e incidência, a tuberculose (Santos *et al.* 2018), representando a peste suína africana uma potencial ameaça (Costard *et al.* 2013), enquanto a triquinose, pelos riscos alimentares que acarreta, justifica um continuado despiste (Vieira-Pinto *et al.* 2021). Possibilidade de hibridação com a forma doméstica (porco doméstico) (Santos 2002).

Usos e comercialização

O javali é uma espécie cinegética (atualmente mais de 30 000 indivíduos são caçados por ano em Portugal), proporcionando troféus com alto valor económico e carne apreciada e comercializada tanto em território nacional como no estrangeiro. A criação em cativeiro é permitida para diversos fins.

Medidas de Conservação

A gestão do javali é multifacetada e passa pela prevenção e minimização de conflitos de interesse e de acidentes rodoviários, p. ex. em zonas periurbanas, controlo sanitário e monitorização genética das populações. Sendo uma espécie cinegética, a sua gestão, baseada em conhecimento técnico-científico e enquadradas em planos globais de gestão adequados aos parâmetros biológicos e ecológicos das correspondentes populações, é fundamental. Para tal, a formação dos gestores de zonas de caça deverá ser uma prioridade tal como o controlo do furtivismo e valorização da espécie através da sensibilização e comunicação.

Face ao crescente impacto do javali, programas regulares e sistemáticos de monitorização da tendência populacional, considerando distribuição e abundância, desenvolvimento de medidas e ações que potenciem valores positivos associados à espécie, designadamente caça e ecoturismo, e que minimizem estragos em culturas, disseminação de doenças (Torres *et al.* 2019), particularmente zoonoses, e hibridação introgressiva com o porco doméstico, são necessários.



Legenda do Mapa

Ocorrências confirmadas de javali *Sus scrofa* em Portugal Continental nos períodos entre 1990 e 2004 e entre 2005 e 2021.

Citação recomendada desta ficha e avaliação:

Fonseca C, Santos P, Torres RT, Silva C & Monzón A (2023). *Sus scrofa* javali. In Mathias ML (coord.), Fonseca C, Rodrigues L, Grilo C, Lopes-Fernandes M, Palmeirim JM, Santos-Reis M, Alves PC, Cabral JA, Ferreira M, Mira A, Eira C, Negrões N, Paupério J, Pita R, Rainho A, Rosalino LM, Tapisso JT & Vingada J (eds.): *Livro Vermelho dos Mamíferos de Portugal Continental*. FCiências.ID, ICNF, Lisboa.